

O CORPO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: UM POSICIONAMENTO ÉTICO DO PSICANALISTA FRENTE À PULSÃO

*Alinne Nogueira Silva Coppus**
*Bianca Maria Sanches Faveret***

RESUMO

Partindo da perspectiva freudiana sobre a histeria, chegamos ao conceito de pulsão e a sua relação com o corpo e o sintoma inconsciente: o corpo é alçado a uma posição central na determinação dos caminhos psíquicos da pulsão. Ressaltamos alguns sintomas que aparecem na clínica da neurose e colocam o corpo em cena de forma muito particular. Destacamos a originalidade do ensino de Lacan em relação ao conceito de pulsão, pois ele articula ao real, o outro conceito lacaniano que vem apontar para o impossível. Apostando que os sintomas que envolvem o corpo colocam em cena a dimensão pulsional de forma mais devastadora, refletimos sobre

* Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Professora da Pós-graduação em Psicanálise: subjetividade e cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

** Psicanalista; Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

o posicionamento ético do analista, bem como da psicanálise, frente aos mesmos.

Palavras-chave: corpo; sintoma; pulsão; real; ética.

ABSTRACT

THE BODY IN PSYCHOANALYTICAL CLINIC: AN ETHICAL POSITIONING OF THE PSYCHOANALYST TOWARDS THE INSTINCT

From the Freudian perspective on hysteria, we arrived at the concept of instinct and its relation with the body and the unconscious symptom: the body is raised to a central position in the determination of the psychic pathways of the instinct. We highlight some symptoms that appear in the clinic of the neurosis and stage the body in a particular way. We stress the originality of Lacan's theories, as related to the concept of instinct, as he links to the real, another concept that points towards the impossible. Betting that the bodily symptoms stage the instinctive dimension in the most devastating form, we reflect on the ethical positioning of the analyst and of psychoanalysis towards them.

Keywords: body; symptom; instinct; real; ethics.

[...] o que estou repudiando não apenas “está” em mim, mas vez e outra “age” também desde mim para fora.
(Freud, [1925] 1996: 147; grifo nosso)

Ao procurar responder à pergunta sobre a origem da histeria Freud criou um novo campo do saber – a psicanálise –, e a histeria surgiu como uma busca incansável de querer fazer falar aquilo que não se pode dizer. É a carne se fazendo verbo e o verbo apontando para um resquício da carne.

A plasticidade própria à histeria pode ser ilustrada apontando-se alguns quadros sintomáticos como contraturas, paralisias, fibromialgias, cegueiras históricas, enxaquecas, alergias, anorexia, bulimia, dentre tantos outros (Quinet, 2005). É a histeria apontando não só para a insatisfação do desejo como também para um corpo habitado pelo gozo.

Sobre isto há um importante apontamento clínico a ser feito: apesar da inegável articulação entre a histeria e os sintomas que envolvem o corpo, entendemos que eles não são uma exclusividade da mesma dentro da clínica da neurose. A neurose obsessiva, de forma instigante e inovadora, tem demonstrado que o corpo, também nela, é habitado pela linguagem e, conseqüentemente, pelo gozo, podendo apresentar sintomas que há um tempo atrás colocaríamos apenas no campo da histeria. Assim, vale ressaltar essa constatação, destacando sua particularidade: na maioria das vezes, esses sintomas parecem vir colocar em cena justamente o impossível de controlar e de saber tão temido pela neurose obsessiva, ou seja, o limite. Não se caracterizam apenas com um sentido metafórico, fazendo falar o inconsciente, como aparece freqüentemente na histeria. Servem tanto para colocar o real em cena – o sintoma irrompe de uma hora para outra e se apodera do sujeito –, como também para uma tentativa de formular um saber sobre esse mesmo real – quando aparece logo após uma situação traumática –, o que leva o sujeito a procurar uma análise, por exemplo.

Os sintomas que envolvem o corpo apontam uma possível articulação entre a pulsão e o real. Que sintomas são esses? Temos, muito freqüentemente, no relato dos analisandos, a presença de fenômenos como dores, mal-estares, lesões, manchas pelo corpo, diarreias, desmaios, enxaquecas, além de um impulso para se arranhar e se morder em situações-limite, dentre muitos outros, nos quais não se consegue discernir uma razão (ainda que aparente) para essas manifestações. Esses relatos são feitos em um contexto que circunda o inexplicável da doença, a impotência do sujeito, sua incapacidade para controlar a repetição e a constância dos mesmos e o não-saber sobre sua origem. Eles têm aparentemente a função de alertar, acalmar e, sobretudo, parar o analisando. São eventos que o retiram da cena de seu cotidiano, deixando surgir o sujeito que o habita e o ultrapassa.

Diante disso, cabe a pergunta: como a psicanálise trata o corpo? O que esses sintomas querem dizer? A assunção do inconsciente

nos leva a entender que a realidade não é um dado primário, portanto o corpo é uma realidade para além da realidade bruta... Se a psicanálise opera através da fala do analisando e do ato do analista, podemos nos interrogar, à maneira de Soler (1989): como ter acesso ao real do corpo? A que corpo temos acesso na clínica?

Toda a reflexão freudiana se estabelece a partir da idéia de um psiquismo encarnado, de um corpo erotizado, do corpo como ser de linguagem. Podemos citar a sempre lembrada observação de Freud ([1923] 1976) em *O ego e o id*, quando, refletindo sobre a formação do eu, articula-a ao corpo:

Um outro fator [...] parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do ego e sua diferenciação a partir do id. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção (Freud, [1923] 1976: 39).

Mais adiante, considera: “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, [1923] 1976: 40).

É importante ressaltar, com Pollo (2004), que a teorização freudiana inclui inúmeras referências ao corpo além desta do eu corporal. O corpo é pensado como ser de linguagem ou como objeto de gozo, por exemplo nas concepções sobre a criança perverso-polimorfa, a complacência somática, a satisfação auto-erótica e o narcisismo do eu, o fator constitucional na etiologia das neuroses, as zonas erógenas, a fonte somática das pulsões, a língua do órgão na esquizofrenia, o masoquismo primário, etc.

Mais especificamente, sustentamos que as pulsões vão constituir uma nova realidade corporal, irredutível ao natural. Não há portanto um desvio do natural, e sim a pura diferença. A rigor, a psicanálise vai tratar do corpo pulsional, anárquico. Sua perspectiva é contrária à da biologia e da medicina, que tomam o corpo em sua materialidade como Um corpo, organizado e regido por leis específicas.

É a partir do campo da pulsão, sobretudo da pulsão de morte – força que nos move para além do princípio do prazer –, que podemos abordar as desarticulações, encenações, despedaçamentos e disfunções que o corpo nos apresenta na clínica. E para isto apoiamos na contribuição de Lacan que, em seu esforço de reconstrução da psicanálise a partir da retomada de Freud, destaca a pulsão como tendo o estatuto de conceito psicanalítico fundamental e inova duplamente ao eleger o objeto *a* como o objeto da pulsão e ao se deter especificamente na satisfação pulsional, ou seja, no gozo.

Embora cientes de que são muitas as possibilidades de abordagem do conceito de pulsão, vamos nos deter especificamente, para esse artigo, na articulação da pulsão com o real. Questionamos em que sentido a pulsão pode se relacionar com o real, como nos deparamos com isso na clínica e o que podemos apontar como possibilidade de trabalho analítico para essa questão.

Os trabalhos que tematizam a questão da pulsão geralmente abordam os mesmos aspectos, como por exemplo os dualismos pulsionais, e/ou os quatro termos da pulsão e seus possíveis destinos, etc, em uma aparente tentativa de “organizar” as inúmeras variáveis implicadas neste assunto. O que nos parece, na maioria das vezes, constituir-se como um discurso que nos ensurdece em relação ao essencial da pulsão: a sua articulação com o real, com o virulento, com o diabólico. Lacan ([1964] 1986) destacou que o conceito de pulsão traça, demarca uma via, sua via no real. A pulsão tem a grande capacidade de nos fazer ver, de presentificar o real na clínica, e apostamos que, perdendo essa dimensão da pulsão, perdemos também a dimensão do sujeito.

Tal dimensão selvagem da pulsão é pensada por Lacan ([1959-1960] 1997) justamente no Seminário sobre a ética. Ressaltamos que é com o conceito de pulsão que podemos tratar da ética, proposição intrigante, dado que geralmente vemos a ética da psicanálise ser abordada em relação ao desejo e não à pulsão. Explicitemos: em que sentido a ética se articula à pulsão?

Ora, entendemos que aquilo que o sujeito não consegue significar traz conseqüências para ele. Mais do que nunca ele terá que se haver com isso que o atravessa, que age nele sem que ele controle, ou seja, com o real. O sujeito pode recuar do real, lamentar-se dele, tomá-lo como sinal de sua própria impotência. As relações que o sujeito estabelece com o acoçamento da pulsão nos fazem pensar, então, em uma ética, já que essa relação, de maneira peculiar, coloca em cena o que é incontrolável para o sujeito.

Com o intuito de trabalhar a ética, Lacan parte de *das Ding* para chegar ao *Trieb*. “Como é que lidamos com ela [*das Ding*] no campo da ética?” (Lacan, [1959-1960] 1997: 132), ele se pergunta. *Das Ding* é uma noção exaustivamente trabalhada nesse Seminário, sobretudo ressaltando a inexistência de um objeto do desejo, um objeto da felicidade, do bem do sujeito. Lacan tanto enfatiza esse irrepresentável, “ela é, essa Coisa, o que do real [...] do real primordial, diremos, padece do significante” (Lacan, [1959-1960] 1997: 149), quanto sua relação com o desejo. *Das Ding*, já estabelecera Freud ([1900] 1976) na “Interpretação dos sonhos”, está no centro do aparelho psíquico e é em torno dela que gira toda a movimentação do desejo.

Para articularmos a questão da pulsão – via *das Ding* – com a ética, destacamos a seguinte reflexão:

O que há no nível de *das Ding* desde o momento em que é revelado é o lugar dos *Triebe*, na medida em que nada têm a ver, enquanto revelados pela doutrina freudiana, com qualquer coisa que seja que se satisfaça de uma temperança, daquela que ordena bem certinho as relações do ser humano com seu semelhante

nos diferentes níveis hierárquicos da sociedade, desde o casal até o Estado, numa construção harmônica (Lacan, [1959-1960] 1997: 138).

Devemos abordar a pulsão, então, em sua dimensão convulsiva, impulsiva e indomável. O analista conhece o pulsional pela sua experiência. É na clínica que vemos “o peso clínico de cada um dos casos que temos que manipular e que se chama pulsão. Parece então haver aqui referência a um dado último, ao arcaico, ao primordial” (Lacan, [1964] 1986: 154). Apostamos em uma função clínica para a pulsão: ela traz à cena, ao enquadre analítico, através da queixa e das demandas do analisando, uma dimensão de alteridade radical, da surpresa, da descontinuidade, do ultrapassamento do sujeito, de sua vacilação.

Como podemos então estabelecer um ponto em comum entre a pulsão, a ética e o real? “A questão ética, uma vez que a posição de Freud nos faz progredir nesse domínio, articula-se por meio de uma orientação de referenciamento do homem em relação ao real” (Lacan, [1959-1960] 1997: 21). Ou seja, quando falamos de uma ética da psicanálise estamos falando de uma possibilidade de posicionamento do sujeito frente ao real. Não um posicionamento comum, como uma tentativa de escamotear o real, mas um posicionamento singular que aponte para um enfrentamento de uma alteridade máxima.

Segundo Lacan ([1972-1973] 1986), o sujeito se depara com a dimensão do impossível através do real e do sexual. Propomos que também através da pulsão, como uma terceira possibilidade. A pulsão de morte aponta para o intransponível. E, mais interessante ainda, diante desse intransponível que é a morte, o homem teria arrumado uma saída, como nos diz Lacan: “a fuga para as doenças impossíveis” (Lacan, [1959-1960] 1997: 333). Sendo assim, podemos pensar aqueles sintomas que envolvem o corpo como uma tentativa de fuga... Pois partimos da idéia – articulada à concepção freudiana do corpo como ser de linguagem e gozo, que citamos anteriormente – de que o Isso, o pulsional, aparece de forma clara no eu. Melhor dizendo,

no eu – projeção de superfície – advém o Isso; os já citados sintomas são uma forma de encontro com o real, com o que não se controla, com o estranho que habita o sujeito.

Cabe ao analista, a partir do seu desejo de analista, apontar a direção para algo que não pode ser domesticado. Se é esperado que o eu do analista fuja diante de tal selvageria – afinal, ele é humano –, há que haver algo que o faça atuar em outra direção. Só se escuta o lugar do sujeito em relação ao pulsional a partir do desejo do analista. O desejo do analista aponta para a constante possibilidade de o analista intervir, escutar e fazer com que aquele que nos fala se escute a ponto de poder se intrigar com o que se passa com ele, sobre esse horror ao qual ele vem dar corpo através de um excesso pulsional.

Em torno do que gira uma análise? É em torno do indomável da pulsão que gira o processo analítico. Na análise “A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão” (Lacan, [1964] 1986: 259). E essa mudança tem a ver com o desejo.

Poderíamos nos perguntar por que o homem prefere a construção de diques a enfrentar o desejo, seu enigma. Quando o desejo aparece, a alteridade emerge, esbarra-se no Outro. A psicanálise oferece, propõe que o sujeito encaminhe a sua falta pela via do desejo, que não traz, necessariamente, uma satisfação. Muito ao contrário. Sabemos da dificuldade e do preço que se paga para sustentarmos o desejo. Não é sem se dividir que o sujeito se depara com o real, real entendido aqui como o limite do pensamento, como “o que retorna sempre ao mesmo lugar” (Lacan, [1964] 1986: 52), lugar de perda que se repete. Se o real retorna sempre ao mesmo lugar, então só resta ao sujeito mudar de lugar diante dele. Tomando o impossível como referencial, sabemos o que é possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freud, S. (1900/1976). A interpretação dos sonhos. *Obras completas, ESB*, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1923/1976). O ego e o id. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1925/1996). Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1959-1960/1997). *O seminário, livro 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1964/1986). *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1972-1973/1986). *O seminário, livro 20, Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Pollo, V. (2004). Exílio e retorno do corpo: Descartes e a psicanálise. Em Alberti, S. & Carneiro Ribeiro, M. A. (orgs.). *Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência* (pp. 15-18). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Quinet, A. (2005). *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Soler, C. (1989). *O corpo no ensino de Jacques Lacan*. Papéis do Simpósio. Belo Horizonte: Simpósio do Campo, publicação interna.

Recebido em 12 de março de 2008

Aceito para publicação em 28 de março de 2008